

CEDI

Povos Indigenas no Brasil

Fonte O Estado de São Paulo Class.: EBVR 0001

Data 23 de janeiro de 1977 Pg.: _____

Abertura da BR 174 não afasta ameaça dos índios

ELIANA LUCENA
Da Sucursal de Brasília

Em pleno Século XX, a figura dos comboios, nos moldes do velho oeste americano, como forma de evitar o ataque de índios, resurgiu agora num trecho de 130 quilômetros da rodovia BR-174, que corta a reserva dos temidos índios waimiri-atroaris. Em velocidade superior à permitida por lei, os carros não devem parar, exceto em casos excepcionais, nas faixas laterais da estrada, principalmente se surgirem amigáveis acenos dos waimiri-atroaris, que, nos últimos anos, já mataram mais de 50 funcionários do antigo Serviço de Proteção ao Índio e da Funai.

Esse pequeno trecho, que serve de passagem aos motoristas que pretendem ir de Manaus a Boa Vista, em Roraima, deverá ser entregue ao tráfego no próximo dia 26, completando a ligação da BV-8 (Brasília-Caracas). Nesse dia, a população de Roraima, única unidade federativa que ainda não tinha qualquer contato com o resto do País por terra, estará realizando um velho sonho. Até hoje, o Território de Roraima dependeu do apoio aéreo e do rio Branco, que só é navegável durante o período das águas, permitindo a ligação entre Boa Vista e Manaus.

No entanto, a liberação da estrada no dia 26 ainda dependerá de decisão das autoridades, após a inspe-

ção que o ministro Dirceu Nogueira, dos Transportes, fará ao longo dos 775 quilômetros entre Manaus e Boa Vista. Nos últimos dois meses, o tráfego na estrada vem sendo permitido a apenas alguns veículos mediante a autorização do 6º Batalhão de Engenharia do Exército.

Além de vir ao encontro dessa aspiração regional, a rodovia deverá cumprir um importante papel na exportação de produtos para a Venezuela, segundo a expectativa dos representantes do Consulado da Venezuela em Boa Vista e, principalmente, dos grandes exportadores brasileiros de madeira. Segundo Geraldo Gutenberg, proprietário da empresa Magingu, que exporta para a Venezuela 99 por cento dos 50 metros cúbicos que sua firma extrai por dia da região de Caracará, o interesse dos venezuelanos pela madeira brasileira tem crescido muito nos últimos tempos. Isso deve-se ao fato de a legislação venezuelana adotar uma posição muito rígida em relação à exploração de suas reservas madeiras.

Além da madeira, o próprio Consulado da Venezuela admite que o seu país está interessado na importação de eletrodomésticos fabricados em Manaus, mas adianta que tudo dependerá do encontro previsto para este ano entre os chanceleres dos dois países. Em termos de importação, a

grande reivindicação é de que o Brasil permita que o Território seja abastecido com combustível venezuelano.

No entanto, as autoridades consideram essa possibilidade bastante remota, pois a medida exigiria um entendimento maior entre o governo de Caracas e do Brasil. "Tivemos a informação de que o governo venezuelano estaria disposto a abrir mão de uma cota para o abastecimento do Território, pois há uma forte ligação de comércio entre as cidades do Sul da Venezuela e Roraima, faltando agora apenas a autorização do governo brasileiro", explicou um empresário.

De fato, se a importação for permitida, a população passará a pagar 30 centavos por litro de gasolina, preço atualmente em vigor na Venezuela. Atualmente, essa situação desperta inveja dos brasileiros que vivem nessa região, já que frequentemente observam os carros de fabricação norte-americana dos venezuelanos que cruzam a fronteira, abastecidos com galões de gasolina suplementares para evitar a compra do produto em solo brasileiro. No início, a polícia de fronteira não impunha muito rigor ao verificar a carga de combustível trazida pelos carros brasileiros que chegavam de Caracas ou da cidade fronteiriça de Santa Helena, mas agora a fiscalização tem sido mais severa.